

Artista da capa

Meu nome é Annie Carvalho, sou artista e pesquisadora nortista, nascida em Belém do Pará. Meu trabalho se concentra nas formas de representação de corpos negros e racializados, explorando como essas imagens são construídas, apagadas ou ressignificadas através de linguagens visuais. Utilizo, principalmente, desenhos e colagens, tanto analógicas quanto digitais como ferramentas para tensionar narrativas históricas e propor novos olhares sobre esses corpos, tantas vezes reduzidos a estereótipos ou silenciados. Minha prática artística é atravessada por uma busca de memórias que partem principalmente da minha história e da minha região: memórias aquelas que escapam as fotografias, aos arquivos, ou que neles sobrevivem como fragmentos despersonalizados. Interesse-me pelas brechas onde identidades foram apagadas, especialmente de mulheres racializadas nas artes, cujas imagens circulam sem nome, sem voz, mas não sem potência.

Pronomes ela/ dela

@muira.k.ita

@anniescarvalho

Sobre a arte de capa

Nesta colagem digital, reúno referências que dialogam com a ideia de corpos subalternizados, cujas identidades foram apagadas ou reduzidas a instrumentos de narrativas coloniais. Aqui, trabalho com: azulejaria portuguesa/ brasileira: Os ornamentos funcionam como demarcadores simbólicos, evocando a estética colonial que frequentemente enquadrava corpos racializados como elementos decorativos, sem direito a nome ou individualidade. A mulher sem nome: no centro da obra, a imagem de uma mulher indígena, fotografada por William Dinwiddie no século XIX. Nos registros, apenas a palavra "Seri" a identifica. A escolha desta imagem, em particular, se deve à sua circulação como documento histórico, mas também ao silêncio que a acompanha. Na obra, ela deixa de ser apenas um registro antropológico para se tornar parte de uma narrativa visual que questiona, sobrepõe os elementos, e as formas como certas histórias são contadas. O trecho de Paulo Freire: sobre a cabeça da mulher, inseri um fragmento de Pedagogia da Autonomia (1996, p. 59), onde Freire denuncia a imoralidade das discriminações e a necessidade de lutar contra elas. Esse fragmento não apenas critica justificativas opressivas (sejam genéticas, históricas ou filosóficas), mas também vincula minha obra à educação como ato de resistência. O mapa de Peabiru: em diálogo com o "olho" da fotografia de fundo, o mapa ancestral representa caminhos apagados tanto geográficos quanto epistemológicos. Ele simboliza a busca por histórias não contadas e a reivindicação de saberes indígenas e afrodiaspóricos como eixos de reconstrução identitária.

Técnica e processo

A colagem foi desenvolvida digitalmente, utilizando ferramentas como Canvas e imagens extraídas de acervos online. Ao recortá-las e reposicioná-las, crio um novo espaço de encontro entre o que foi esquecido e o que insiste em ser visto. Os elementos da obra, o livro, os azulejos, a fotografia e o mapa, convergem para uma reflexão sobre como histórias não contadas podem boiar através da junção de tempos e texturas. Não se trata apenas de representar, mas de propor camadas de sentido que a história dita como oficial não deixou aparecer.

Natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever.

